

# Desculpas sem reparação

Europa aceita fazer mea-culpa por escravidão em Durban sem pagar indenizações

DURBAN

**D**epois de dias beirando o abismo, a Conferência Mundial da ONU contra o Racismo, na África do Sul, vislumbrou ontem a possibilidade de salvar-se de um fracasso total com um início de entendimento sobre os dois temas mais polêmicos que entravaram o encontro: o confronto palestino-israelense e a questão da escravidão. O passo principal foi dado pela União Européia (UE), cujos membros aceitaram apresentar algum tipo de desculpas pela escravidão e pelo colonialismo, uma das principais reivindicações do chamado Grupo Africano. Num esforço de última hora para sair do atoleiro, os participantes do encontro adiarão para hoje a sessão de encerramento, ganhando tempo para negociar mais e chegar a um texto de consenso.

A histórica decisão dos membros da União Européia de desculpar-se pelos horrores da escravidão e pelos males do colonialismo, no entanto, foi acompanhada de uma exigência em contrapartida: a África deverá desistir de pedidos de reparação financeira e da admissão, pelo Ocidente, de que a escravidão foi um crime contra a Humanidade. Segundo o chanceler da Bélgica, país que ocupa a presidência rotativa da UE, os 15 membros do grupo expressarão pesar, remorso ou farão um pedido direto de desculpas.

— Não importa a forma, o que importa é que esta confissão representa o reconhecimento de uma injustiça e também que aqueles que são de alguma maneira herdeiros do passado reconhecem suas responsabilidades — disse o chanceler Louis Michel.

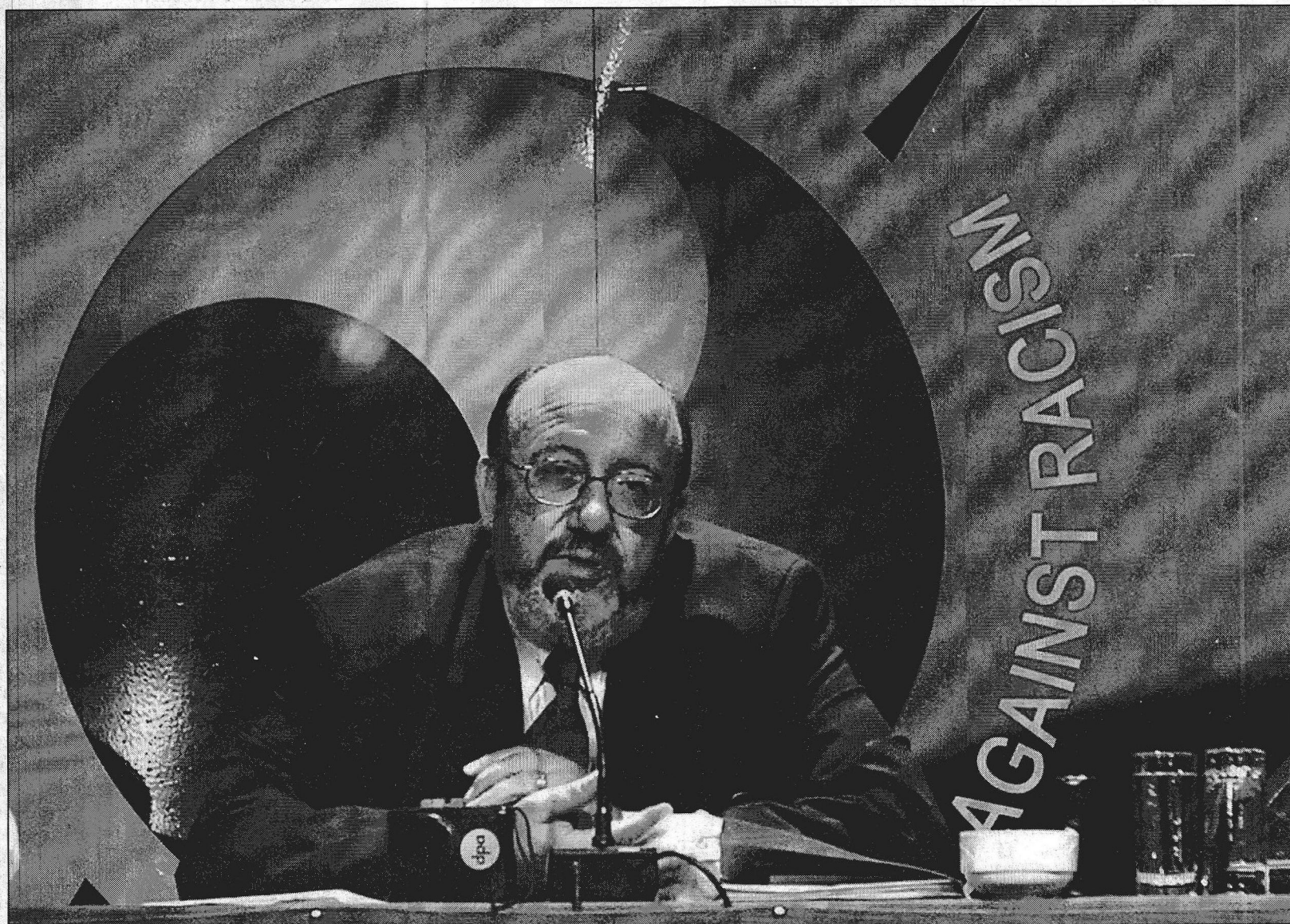
Segundo o porta-voz da Chancelaria, Koen Vervaeke, a redação do texto da declaração final deverá impedir que o pedido de desculpas seja usado em ações na Justiça requerendo reparação pela escravidão ou pelo colonialismo, como temem os países da UE com passado colonial e escravocrata.

## Países islâmicos retiram objeção à declaração

• A outra questão polêmica da conferência, o conflito palestino-israelense, foi parcialmente resolvida com o anúncio do grupo de países islâmicos de que desistiam da condenação de Israel como Estado racista. A medida era oposta pela União Européia e também pelos Estados Unidos, cujos delegados deixaram Durban no início da semana em protesto. Embora não satisfeito com a solução de compromisso proposta, que deixa de condenar Israel mas destaca o drama palestino, o Grupo Islâmico anunciou que não porá obstáculos à declaração final da conferência da ONU.

— Desejamos contribuir para o sucesso da conferência — disse o diplomata paquistanês Munir Akram, presidente do grupo de contato da Organização da Conferência Islâmica em Durban.

Com o caminho livre, espera-se que os obstáculos remanescentes sejam superados hoje. A alta comissária da ONU para Direitos Humanos, Mary Robinson, que preside a conferência, declarou ontem que qualquer acordo alcançado será um avanço, diante de tantos problemas ao longo do encontro.



O CHANCELER BELGA, Louis Michel, em Durban: cuidado para que a declaração final da conferência da ONU não possa ser utilizada em ações na Justiça